

economia

INDICADORES ECONÔMICOS	COTAÇÕES DO DÓLAR – (R\$/US\$)		TURISMO		
	COMPRA	VENDA	COMPRA	VENDA	
	02/11	5,7370	5,7380	5,7130	5,8870

Fonte: Estado Contábil

INDICADORES ECONÔMICOS	BOLSA DE VALORES	
	MERCADOS	FECHAMENTO
	30/OUT/20	VARIACÃO
Bovespa	93.952,40	-2,72%
Dow Jones/NY	26.925,05	+1,60%
Nasdaq	10.957,61	+0,42%
S&P Merval	47.467,65	+4,81%

Fonte: Estado Contábil e bolsas de valores



Emprego cresce pelo segundo ano seguido, mas salário cai

Em 2019, Grande ABC criou 19.391 postos formais, totalizando 755.765, mas renda diminuiu R\$ 48,04, para R\$ 3.110,97

SORAIA ABREU PEDROZO
soraiapedrozo@dgabc.com.br

Em 2019, o emprego com carteira assinada no Grande ABC aumentou, pelo segundo ano consecutivo, após amargar cinco anos de queda na criação de postos de trabalho formais. No entanto, o salário médio pago nas sete cidades diminuiu, assim como em 2018. Segundo especialistas, isso se deve ao fato de haver um alto volume de desempregados, remanescente da crise econômica, e, portanto, uma larga oferta de mão de obra, o que estimulou rotatividade nas empresas e fez com que os vencimentos oferecidos aos novos contratos diminuíssem.

No fim do ano passado, conforme dados da Rais (Relação Anual de Informações Sociais), do Ministério da Economia, tabulados pelo Diário, havia 755.765 profissionais com registro em carteira na região, 19.391 ou 2,63% mais que em 2018, quando o estoque de trabalhadores totalizava 736.765 empregos. Dois anos atrás, o volume de vagas formais também havia aumentado, em 7.417 postos, ou 1,02% – em 2017, o estoque era de 728.957.

Porém, os salários pagos a esses profissionais vêm caindo. No ano passado, o valor médio da remuneração no mercado formal do Grande ABC era de R\$ 3.110,97. E, em 2018, de R\$ 3.159,01. Ou seja, houve redução de R\$ 48,04, ou 1,52%. Dois anos atrás, a queda havia sido de R\$ 54,07, ou 1,68% – em 2017, a média chegava a R\$ 3.213,08.

Na avaliação de Sandro Maskio, coordenador de estudos do Observatório Econômico da Universidade Metodista de São Paulo, dois fatores podem explicar a situação. “Um deles é que, em cenário de crise econômica, com nível elevado de desemprego, há mais espaço para a rotatividade da mão de obra, o que possibilita às empresas trocarem os profissionais por outros de menor sa-

lário”, aponta. “Outro ponto é que, no mesmo contexto, os trabalhadores têm pouca força para negociar dissídios, o que também não puxa para cima os valores remunerados.” Isso porque, em 2019, o INPC (Índice Nacional de Preços ao Consumidor), utilizado para reajustar vencimentos, avançou 4,48%.

Os dados da Rais demonstram, conforme complementa Maskio, que “a retomada no mercado de trabalho, especificamente dos salários, é mais lenta que a retomada da atividade econômica”.

O coordenador do curso de administração do Instituto Mauá de Tecnologia, Ricardo Balistiero, assinala que os números apontaram para ligeira melhora em 2019 porque foi o primeiro ano do governo Jair Bolsonaro (sem partido), então havia uma expectativa de envio e aprovação de reformas, de agenda mais liberal, e a economia vinha de uma base muito deprimida, ainda sob o impacto de uma recessão de 2015 e 2016. “Então não foi tão difícil gerar mais emprego no ano passado, embora os números tenham ficado muito aquém do que se esperava inicialmente. Mesmo assim, o volume de desempregados ainda é expressivo e, quando o nível de desemprego está muito alto, normalmente as vagas são repostas com salário mais baixo, já que a procura é maior”, explica.

SETORES

Dos 755.765 trabalhadores formais do Grande ABC, 52,6% atuam no setor de serviços (397.831). Na indústria, que sofreu mais com a crise econômica dos últimos anos, estão 23,7% (179.328) dos profissionais. E, no comércio, 19,4% (146.545).

O segmento que mais contratou no ano passado foi serviços, com acréscimo de 9.421 vagas. Seguido do comércio, com 5.782 postos. E, em terceiro lugar, aparece a indústria,

ESTOQUE DO EMPREGO COM CARTEIRA ASSINADA NA REGIÃO

Município	Total			
	2018	2019	Varição absoluta	Varição em percentual
Santo André	205.454	214.217	8.763	4,27
São Bernardo	247.734	258.124	10.390	4,19
São Caetano	105.702	109.344	3.642	3,45
Diadema	88.341	88.242	-99	-0,11
Mauá	64.348	60.677	-3.671	-5,70
Ribeirão Pires	21.377	21.585	208	0,97
Rio Grande da Serra	3.418	3.576	158	4,62
Grande ABC	736.374	755.765	19.391	2,63

Fonte: Rais (Relação Anual de Informações Sociais)/Ministério da Economia

Eder Marini/Editoria de Arte

POR SETOR

	Estoque		Quanto representa do total de vagas		
	Em 2018	Em 2019	Varição absoluta	Em 2018	Em 2019
Serviços	388.410	397.831	9.421	52,74%	52,63%
Indústria	175.250	179.328	4.078	23,72%	23,70%
Comércio	140.763	146.545	5.782	19,11%	19,40%
Construção	31.865	31.957	92	4,32%	4,22%
Agropecuária	86	104	18	1,67%	1,34%
Total	736.374	755.765	19.391		

Fonte: Rais (Relação Anual de Informações Sociais)/Ministério da Economia

Eder Marini/Editoria de Arte

MÉDIA SALARIAL DO ANO PASSADO

Município	Em R\$
Santo André	3.001,52
São Bernardo	3.839,57
São Caetano	3.345,59
Diadema	3.329,87
Mauá	3.102,81
Ribeirão Pires	2.708,87
Rio Grande da Serra	2.448,62
Grande ABC	3.110,97

Fonte: Rais/Ministério da Economia

Editoria de Arte

com 4.078 posições.

Conforme o Diário publicou recentemente, levantamento da base do Dieese (Departamento Intersindical de Es-

tatística e Estudos Socioeconômicos) no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, mostra que o rendimento médio do trabalhador na indústria regional é de R\$ 4.617, enquanto que o valor médio pago pelos outros setores, como serviços, comércio e construção civil, é de R\$ 2.869. Ou seja, é mais barato contratar em outros segmentos. E, com isso, a média salarial também é achatada.

Setor mais afetado pelas crises na região, a indústria acaba eliminando postos e não reponde. E, se existe reposição parcial, ela se dá com salários menores. “Possivelmente,

2019 ainda registra movimento de recomposição do setor industrial, muito afetado entre 2015 e 2017”, afirma Maskio.

Quanto aos empregados de serviços, que representam mais da metade da força de trabalho regional, não necessariamente a mão de obra é formada por pessoas deste segmento, destaca Balistiero. “Muitas vezes são pessoas que migraram ao ramo porque perderam o emprego na indústria. Ou que já estão desempregados de fábricas há algum tempo e, sem opção, mudaram de área. E, consequentemente, de salários.”

Mercado retrocede em uma década

Ao analisar o total de trabalhadores com carteira no Grande ABC, o volume retrocede em uma década. Dez anos atrás, em 2009, havia 741.110 empregados formais nas sete cidades. Esse montante foi crescendo nos anos seguintes, tendo como pico em 2013, com 833.370 profissionais, curva que foi caindo até 2017

e voltou a crescer nos últimos dois anos.

“O Grande ABC perdeu a capacidade de gerar emprego. Só o crescimento gera atração para o emprego. Reformas são importantes, mas não suficientes. Até o presente momento, o Ministério da Economia não apresentou proposta firme de retomada. Por isso, patinamos

e não criamos postos de trabalho. Ainda retrocedemos em dez anos. Isso numa região como o Grande ABC, em que a mão de obra é qualificada. Imagine em outras localidades do Brasil, que não têm essa característica. A situação deve estar pior”, dispara Ricardo Balistiero, do Instituto Mauá de Tecnologia. **SAP**

DIA DE FINADOS

Floriculturas têm queda de venda em 50%

Apesar da pandemia de Covid, lojistas esperavam que feriado recuperasse economia do setor



DECEPÇÃO. Floriculturas lamentam que volume de vendas ficou aquém e que ano tem sido o pior de todos

BIA MOÇO
biamoco@dgabc.com.br

Embora as floriculturas situadas no entorno dos cemitérios do Grande ABC tivessem uma expectativa de que o Dia de Finados, celebrado ontem, pudesse ser aliado na recuperação econômica do setor, a venda deste ano caiu em torno de 50% em comparação a 2019, conforme relatado pelos lojistas. A pandemia do novo coronavírus fez com que volume menor de pessoas saísse de casa para honena-

gear seus entes queridos.

A loja Leida Flores, ao lado do Cemitério Curuçá, em Santo André, sentiu a queda de vendas. Filho de Leida, Luciano Castro, 43 anos, contou que, neste ano, a compra de mercadoria ficou em torno de 40% menor do que costumava adquirir para o período. “Quando o movimento no Dia de Finados vai ser bom, já começa a ter frequência na sexta-feira anterior. Desta vez, foi bem fraco. Normalmente, quase não tem espaço para andar aqui”, relatou.

Proprietário da Floricultura Okumura, ao lado do Cemitério Vila Euclides, em São Bernardo, Nelson Okumura, 67, lamentou que este tem sido “o pior ano de vendas” dos

44 em que está no endereço. “Daqui, sou o mais antigo. Tive de diminuir em torno de 25% da quantidade de mercadoria comprada, pois já esperava uma queda, mas não tanta”, revelou, explicando que aguardava venda de, pelo menos, 75% em comparação aos anos anteriores.

A vendedora da floricultura Lina, também ao lado do Cemitério Vila Euclides, disse que no ano passado a loja comprou 100 caixas de flores e, neste ano, somente 40. “Diminuiu muito do que era, e do que foi esperado.”

Assim como os anos anteriores, o preço dos arranjos variou de R\$ 15 a R\$ 120, tendo como campeã de vendas o crisântemo.